

Discurso de Sua Excelência João Manuel Gonçalves Lourenço, Presidente da República de Angola, na abertura da Bienal 2019

Luanda, 18 de Setembro de 2019

- Excelência Hage Geingob, Presidente da República da Namíbia;
- Excelência Ibrahim Boubacar Keita, Presidente da República do Mali;
- Excelência Moussa Faki Mahamat, Presidente da Comissão da União Africana;
- Excelência Audrey Azoulay, Directora Geral da UNESCO;
- Altos Dignitários dos Governos dos países participantes,
- Respeitados membros da sociedade civil, da comunidade artística e científica, do sector privado e das organizações internacionais,
- Minhas Senhoras, Meus Senhores,

É com enorme satisfação que saúdo os participantes nesta primeira edição da Bienal de Luanda - Fórum Pan-Africano para a Cultura da Paz, promovida pelo Governo angolano em estreita colaboração com a União Africana e a UNESCO.

Saúdo em particular todos os países e entidades que aceitaram o nosso convite e enviaram os seus representantes para juntos celebrarmos este evento de grande projecção para todo o continente.

Sejam todos bem-vindos a Angola, o povo angolano recebe-vos de braços abertos e com um sentimento profundo de amizade, de irmandade e de solidariedade.

A Bienal de Luanda é um espaço privilegiado para se promover a diversidade cultural e a unidade africana e para um intercâmbio fecundo entre todos os que se dedicam a cultivar uma cultura de paz e não-violência.

Trata-se, de facto, de uma plataforma única para os governos, a sociedade civil, a comunidade artística e científica, o sector privado e as organizações internacionais, debaterem e definirem estratégias sobre a prevenção da violência e dos conflitos em África e sobre a construção de uma paz duradoura.

A presença de jovens angolanos e de jovens provenientes de todos os cantos de África e das várias diásporas africanas é uma garantia de que muitas ideias inovadoras surgirão dos vários debates e das trocas culturais e desportivas programadas.

Como refere o tema principal da Bienal – “Construir e preservar a paz: um movimento de vários actores” – esse é um processo inclusivo e que exige a participação consciente de todos os que, dentro e fora de África, se preocupam com as questões candentes que urge resolver.

Convém dar especial ênfase à promoção da cultura, da educação e da investigação científica e ao papel que podem desempenhar as organizações da juventude e de mulheres e os meios de comunicação tradicionais e digitais, na prevenção de conflitos e na promoção de uma cultura de paz.

Importa encontrar soluções sustentáveis para muitos dos graves problemas que a África ainda vive, como a fome, a miséria, as doenças, o analfabetismo, as desigualdades sociais, o desemprego galopante, que fomentam o tribalismo e a xenofobia dividindo os africanos, o que atrasa o harmonioso desenvolvimento dos nossos países e o bem-estar das suas populações.

Um fórum dedicado à cultura da paz implica a reflexão e o intercâmbio de ideias das cabeças pensantes e criativas do nosso continente, responsáveis por acções de empreendedorismo e de inovação.

As várias disciplinas artísticas que vão ser apresentadas nesta Bienal são a expressão da criatividade dos artistas africanos e podem contribuir não só para a reafirmação de uma africanidade global, mas para a promoção de valores culturais genuinamente africanos e favoráveis à paz.

Neste mundo globalizado em que devemos tirar o maior proveito do que melhor se produz e pratica no campo da cultura, da educação, da ciência, da tecnologia e da investigação, devemos preservar e ter a capacidade de fazer coabitar a nossa história, a nossa cultura e tradições africanas, com aquilo que todos os dias recebemos da cultura de outros continentes e povos, por intermédio dos diferentes medias.

Os meios de comunicação tradicionais e digitais têm também um papel de grande importância na difusão e valorização das nossas realizações. A crescente importância das redes sociais no seio da juventude deve ser aproveitada sobretudo para o reforço da cultura da paz e da não-violência.

Exemplos recentes em vários países têm demonstrado o perigo que essas mesmas redes sociais representam, quando utilizadas para desinformar e adulterar a realidade dos factos, com o objetivo de criar convulsões sociais como meio de pressão para a remoção do poder de governos legítima e democraticamente eleitos pela maioria dos cidadãos eleitores.

É importante que esta Bienal sirva igualmente para atrair parceiros, designadamente empresas do sector público e privado, fundações e organizações filantrópicas, governos, bancos de desenvolvimento, organizações internacionais, comunidades económicas regionais e comunidades linguísticas, entre outros, dispostos a contribuir com fundos e recursos para a cultura da paz em África e nas várias diásporas africanas.

Prezados participantes,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Uma das grandes tarefas reservadas às lideranças políticas do continente e aos diferentes actores da sociedade civil tem a ver com os objectivos da União Africana na sua agenda para a promoção de uma cultura de paz e não-violência, denominada

«Silenciar as armas até 2020».

Este objetivo é aparentemente difícil de atingir, mas o legado que nos foi deixado pelos grandes líderes do nosso continente, que ergueram bem alto a bandeira do pan-africanismo e se bateram por todos os meios para a libertação total de África do colonialismo e de outras formas de dominação, constitui uma fonte de inspiração para os esforços que juntos temos de empreender para pôr termo definitivo aos conflitos que lamentavelmente persistem no continente, desde o Sahel à África do Oeste, à África Central e dos Grandes Lagos e ao Corno de África.

A Bienal de Luanda – Fórum Pan-africano para a Cultura de Paz, representa um passo importante para aprofundarmos o nosso conhecimento das diferentes realidades africanas, para reafirmarmos a nossa identidade no plano político, cultural e artístico,

e para uma troca fecunda de ideias que concorram para o progresso e o desenvolvimento de África.

Só com paz podemos realmente implementar a zona de livre comércio africana, só com paz o continente pode atrair investimento privado estrangeiro e se industrializar, passando a acrescentar valor aos seus principais produtos de exportação.

Reitero os meus votos de boas-vindas e espero que possam usufruir da hospitalidade do povo angolano durante a vossa curta estadia no nosso país.

Declaro aberta a primeira edição da Bienal de Luanda – Fórum Pan-africano para a Cultura da Paz.

Muito Obrigado!

Discours Inaugural du Dr Mukwege à l'occasion de la Cérémonie d'Ouverture de la Biennale de Luanda – Forum panafricain pour la culture de la paix – Luanda – 18.09

Excellence Monsieur le Président de la République d'Angola,
Excellences Messieurs les Chefs d'Etat,
Excellence Monsieur le Président de l'Union Africaine,
Excellences Messieurs les Ministres,
Madame la Directrice générale de l'UNESCO,
Distingués invités en vos titres et qualités,
Mesdames, Messieurs,

Je vous remercie de m'inviter à prendre la parole à l'occasion de la cérémonie d'ouverture de la Biennale de Luanda sur un thème qui me tient à cœur : la culture de la paix.

Face aux nombreux défis auxquels l'Afrique doit faire face, notamment la sécurité, le développement et le respect des droits humains, la culture de la paix doit être au centre de notre attention, et ce tant à l'échelle individuelle que collective.

Notre culture et notre patrimoine matériel et immatériel africain sont d'une grande richesse, mais trop souvent méconnus ou oubliés, et donc ne sont pas suffisamment exploités pour répondre aux enjeux actuels et futurs de notre continent. Pourtant les solutions sont en nous, elles sont dans nos racines, dans notre ADN panafricain.

Puisons ensemble dans nos valeurs, nos traditions, notre culture pour retrouver le chemin de la prospérité et de la paix.

Jadis, en terme politique et organisationnel, nos Rois, nos chefs coutumiers – les Mwami, assuraient la perception des taxes et redistribuaient les biens à la communauté, selon des principes de nécessité et d'équité.

Au niveau communautaire, dans nos sociétés bien souvent matriarcales, les hommes cultivaient mais une fois les récoltes entrées dans les greniers, ces lieux devenaient le domaine réservé des femmes qui décidaient de l'économie domestique et de la gestion des approvisionnements dans l'intérêt collectif.

Sur le plan de la gouvernance politique, les palabres se déroulaient sur la place publique, sous le manguier ou le baobab, où tout le monde pouvait s'informer, s'exprimer, apporter ses idées et même manger. Quelle formidable base démocratique et solidaire forgeait nos sociétés ancestrales !

En matière de droits et de libertés, la société malienne, mosaïque de peuples empreint de tolérance et d'ouverture, a apporté à l'humanité dès le XIIIe siècle l'une des sources historiques

des droits de l'Homme : la Charte de Kurukan Fuga ou du Mande de 1236, dont les valeurs de dignité et de liberté ont largement contribué à la coexistence pacifique entre les peuples de la région du Sahel.

Sur le plan artistique et culturel, notre richesse énorme est aujourd'hui appréciée et convoitée dans le monde entier. Nos costumes tissés avec un raffinement extrême au 12e siècle dans le Royaume de Kongo se retrouvent dans les plus grands musées du monde ; notre musique à 8 ou 12 temps a souvent servi d'inspiration aux artistes de tous les continents. Mais où se trouve la transmission de nos connaissances ? Qui exploite encore notre savoir-faire ancestral ? Qui forge notre identité ?

Mesdames, Messieurs,

Le grand problème de l'Afrique est de ne pas avoir su capitaliser sa culture pour développer son identité. L'adoption de la culture importée a abouti à l'incapacité de maîtriser sa propre tradition et la tradition importée. Nous sommes donc assis entre deux chaises, ce qui nous maintient dans une instabilité permanente qui nous empêche de construire une paix durable.

Depuis l'arrivée de la monétarisation, les enfants sont dans la malnutrition car la femme ne gère plus notre grenier et nos biens communs comme autrefois. Avec la même terre et les mêmes capacités, la grande majorité des Africains est aujourd'hui plongée dans la pauvreté.

Nous l'avons vu, tant sur le plan politique qu'économique, social ou culturel, mais aussi dans le domaine des droits humains, l'Afrique ne vient pas de nulle part et n'a pas attendu le 21e siècle pour entrer dans l'Histoire : des structures et des normes, reflet de valeurs et de traditions, ont bel et bien existé mais ont été délaissées.

Aujourd'hui, les autorités récoltent les taxes mais la redistribution des biens et des services ne se fait plus de manière équitable. Bien que les femmes soient la colonne vertébrale de l'économie africaine, elles sont reléguées à des êtres de second rang. Le débat public où les citoyens prenaient leurs informations et exprimaient leurs doléances a laissé la place à l'ère de la manipulation des masses et de l'oppression de la pensée libre.

Et nous sommes amenés à faire le constat que les nouvelles formes d'organisation et de gestion pataugent, voire même régressent : l'Afrique est en voie de subir une troisième colonisation, après le temps de l'esclavage, puis celui de la colonisation des Occidentaux, la Chine est en passe de tout s'accaparer dans le cadre d'une globalisation non inclusive, bien souvent en collusion avec nos autorités qui bradent nos ressources naturelles et vivrières, en veillant plus à leurs intérêts personnels qu'au bien-être de leurs peuples.

Quel traumatisme pour nos peuples ! Quelle dissociation par rapport à nos valeurs et notre identité ! Où est notre solidarité ? Où est notre fraternité ? Où est notre dignité ?

Nous profitons de cette tribune pour réaffirmer que pour construire la paix, l'Afrique a avant tout besoin de puiser dans ses ressources culturelles et humaines et d'adapter ses valeurs à ses origines pour se réapproprier une véritable identité, et enfin permettre le développement humain, social et économique de notre continent et de ses peuples.

Mesdames, Messieurs,

Les Nations Unies et l'Union Africaine ont adopté diverses résolutions sur la culture de la paix. Des plans d'action, des projets et des initiatives pour « faire taire les armes » et « agir pour la paix » sont mises en œuvre.

Ces stratégies sont englobées et renforcées par l'Agenda 2063 pour le développement de l'Afrique, signé en 2013, dont le but est de transformer l'Afrique en puissance mondiale de l'avenir endéans les 50 ans.

Cette transformation tant attendue ne pourra se réaliser qu'en passant par le développement d'une identité africaine authentique, le respect des droits humains et de la diversité culturelle, dans un esprit de solidarité et de non violence, en vue de la construction de sociétés démocratiques.

A l'heure actuelle, les services de base comme l'éducation et la santé, considérés universellement comme des droits fondamentaux et inscrits dans la Charte Africaine des Droits de l'Homme et des Peuples et dans nos Constitutions nationales, ne sont pas ou peu accessibles pour une large partie de la population.

Les jeunes filles sont encore largement exclues de nos systèmes éducatifs, les privant ainsi non seulement de l'exercice de leurs droits – situation déplorable qui place plus de la moitié des ressources humaines de notre continent dans l'ignorance, mais les empêche aussi de contribuer pleinement au développement économique et social de nos sociétés, qui restent pour la majorité d'entre elles parmi les plus pauvres de la planète.

Nous sommes donc loin de satisfaire les besoins de base de nos populations et de réaliser leur aspiration légitime à vivre à l'abri du besoin et de la peur, ce qui explique que de nombreux jeunes ne trouvent d'autres alternatives à leur survie que de s'enrôler dans des milices ou encore vers le jihad, comme au Sahel. D'autres enfin cherchent l'exil vers la Méditerranée, bien souvent au péril de leur vie et font la honte de tout un continent qui n'a pas su prendre soin de sa jeunesse.

Ce tableau préoccupant tant à court qu'à moyen et long terme, doit interpeller la société dans son ensemble et les dirigeants en particulier pour trouver des solutions pérennes et jeter les bases d'une société inclusive où l'accès à l'éducation et à la santé pour tous ne représenteront plus des

droits abstraits ou le privilège d'une minorité aisée mais une réalité concrète pour chaque enfant du continent – filles et garçons.

Mesdames,

Messieurs,

Nous sommes convaincus que pour « apporter des réponses africaines aux transformations qui affectent leurs économies et leurs sociétés », selon la formule reprise de la stratégie opérationnelle de l'UNESCO pour la Priorité Afrique (2014-2021), l'espoir deviendra une réalité tangible lorsque les dirigeants africains et les élites du continent se feront soigner et mourront sur la terre de leurs ancêtres plutôt que dans des hôpitaux occidentaux, et enverront leurs enfants dans des écoles et des universités du continent plutôt qu'à Paris ou à Lisbonne. Nous en avons les moyens humains et matériels. Tout est question de volonté politique. Ne cédon pas à l'afro-pessimisme ! Une bonne gouvernance démocratique et économique de nos ressources tant naturelles qu'intellectuelles nous permettrait aisément d'offrir à nos sociétés et à nos enfants un développement endogène permettant la satisfaction des besoins pour tous. Selon ce schéma que nous appelons de nos vœux, les migrations passeront alors d'une dynamique centrifuge vers l'Europe qui s'accompagne du drame de l'exil de nos cerveaux et des nos forces vives à une force centripète qui soutiendra le développement de notre continent. Pour ce faire, il est temps de passer d'une culture de corruption et d'impunité – les deux cancers de l'Afrique, vers une culture de transparence et de redevabilité. Il est temps aussi de réaffirmer nos valeurs de solidarité et de fraternité africaine. Si la géopolitique globale a souvent contribué à l'instabilité de notre continent à l'instar de la situation au Sahel et au Sud Soudan, d'autres foyers de violences et de pillages sont transfrontaliers et ont une dimension régionale, comme à l'Est de la République Démocratique du Congo (RDC).

Mesdames,

Messieurs,

Depuis les années 90, les cycles de violence en RDC ont entraîné plus 6 millions de morts, provoqué le déplacement de 4 millions de personnes et occasionné le viol de centaines de milliers de femmes et de jeunes filles, parfois même des bébés. La paix ne se construit pas sur des fosses communes. Nous sommes convaincus qu'il n'y aura pas de paix durable sans justice, et nous appelons les chefs d'Etats ici présents, l'Union Africaine, les Nations Unies et la société civile à soutenir la mise en œuvre des recommandations du Rapport Mapping du Haut Commissariat des Nations Unies pour les droits de l'Homme sur les graves violations des droits humains et du droit international humanitaire commises entre 1993 et 2003 en RDC, publié il y a presque 10 ans.

Ce rapport est une cartographie de 617 crimes internationaux et appelle au recours à des mécanismes de la justice transitionnelle, tels que l'établissement d'un tribunal pénal international ou de chambres spécialisées mixtes, une commission de la vérité, des programmes de réparation et des garanties de non-répétition.

En nous soutenant sur ce chemin, vous répondrez non seulement à la soif de vérité et de justice des Congolais, mais vous contribuerez aussi à réaffirmer les valeurs africaines de solidarité et de fraternité et à consolider la paix et la stabilité au cœur de notre grand continent, qui continue de saigner tous les jours.

Je vous remercie

**Quote from His Excellency Dr Hage Geingob, President of
the Republic of Namibia
Opening Ceremony of the Biennale of Luanda
Luanda, Angola, September 18, 2019**

“The banner gives us a clear indication why we are here today. It is showcasing young people who are the essence for Africa’s future: investing in them, providing them opportunities to learn, to work and to contribute to Africa’s development is key for the promotion of the Culture of Peace in Africa. The backdrop also makes reference to Technology which underscores the importance of investing in 21st century technologies in order to allow Africa to develop itself and become an independent and competitive world player. The banner further displays young women dressed in traditional attire, reminding us of the need to invest in and recognize the key role women play in Africa’s peace and development. There is a need to cherish, respect, value and preserve our rich, diverse and unique cultural heritage, all key elements for the preservation of peace. And finally, we see these young women and the older lady looking at each other which brings up the sense of community, solidarity, the collective that is very much part of us as Africans and allows us to live in harmony, young and older generations building together prosperity and peace in Africa. Yes, this is what Culture of Peace is about!”

DISCOURS DU PRESIDENT DE LA REPUBLIQUE
A L'OCCASION DE LA

BIENNALE DE LUANDA
FORUM PANAFRICAIN POUR LA CULTURE DE LA PAIX

LUANDA, ANGOLA

18 SEPTEMBRE 2019

Messieurs les Présidents,

Monsieur le Président de la Commission de l'Union Africaine,

Madame la Directrice générale de l'UNESCO,

Mesdames et Messieurs les membres du corps diplomatique,

Mesdames et messieurs les invités,

1. C'est en ma qualité de Champion de l'Union Africaine pour les Arts, la Culture et le Patrimoine que j'interviens à l'ouverture de cette biennale de Luanda consacrée à la culture de la paix. Mais, avant de vous livrer mon message, il est une obligation dont je tiens à m'acquitter : elle consiste à exprimer toute ma gratitude aux initiateurs et organisateurs de cette rencontre pour toutes les marques d'attention fraternelle dont ma délégation et moi-même avons été gratifiés depuis notre arrivée en cette terre africaine, en cette belle terre devrais-je dire, d'Angola.

2. Mes premiers mots s'adressent donc tout naturellement à vous, Monsieur le Président et cher frère João Manuel Gonçalves Lourenço ; et ils sont pour rendre hommage au peuple et aux dirigeants angolais pour avoir su reprendre langue avec l'Histoire.

3. Je veux saluer l'Angola qui s'est engagé à transformer en un pays prospère les débris pathétiques de territoires démembrés et à surmonter les handicaps nés des traites négrières d'abord, de la colonisation ensuite, et d'une longue guerre civile.

4. Je veux, à la face du monde, exprimer mon admiration pour vous, ses dirigeants, qui avez su vous unir autour de l'essentiel et construire un pays que je considère comme un bel exemple de résilience.

5. Je voudrais ensuite saluer Mme Audrey Azoulay, Directrice générale de l'UNESCO qui se distingue par le rôle éminent qu'elle joue dans le combat contre le racisme, la discrimination, la xénophobie et l'exclusion.

6. A cette l'UNESCO qui a, depuis plusieurs décennies, érigé en credo la tolérance, une tolérance comprise comme « le respect, l'acceptation et l'appréciation de la richesse et de la diversité des cultures de notre monde, de nos formes d'expression et de nos manières d'exprimer notre qualité d'êtres humains » je tiens à exprimer ma gratitude.

7. Je voudrais également saluer le Président de la Commission de l'Union Africaine, Monsieur Moussa Faki Mahamat, pour n'avoir ménagé aucun effort en vue de donner

suite à la résolution prise lors du 24ème sommet tenu le 31 Janvier 2015 a Addis Abeba qui invitait la Commission de l'Union Africaine à prendre toutes les mesures appropriées, en consultation avec l'UNESCO et le Gouvernement de la République de l'Angola, pour l'organisation du Forum panafricain biennal pour une culture de la paix en Afrique.

8. Je voudrais enfin saluer chaleureusement Dr. Denis MUKWEGE dont le combat inlassable pour redonner aux femmes de la RDC leur dignité méritait d'être reconnu, et honore, comme l'ont fait les membres du jury qui lui a décerné le Prix Nobel de la Paix en 2018.

Messieurs les Présidents, Mesdames, Messieurs,

9. Pour en venir maintenant au vif du sujet, je commencerai par un constat. C'est que nous vivons dans un monde paradoxal. Les oxymores et les associations inattendus y sont légion, tout comme le sont les alliances contre-nature.

10. Pour preuve : alors que l'idée du « village planétaire » a pris forme et s'est matérialisée dans une large mesure grâce au développement prodigieux de systèmes de plus en plus performants de communication immédiate qui ont pour effet d'abolir les distances, l'on observe une inquiétante tendance au repli sur soi et au renfermement sur des « nous » ethniques, nationaux, religieux.

11. Liberté et Egalité, longtemps pensées comme indissociables, à tout le moins complémentaires, se montrent aujourd'hui difficiles à combiner, voire contradictoires, dans la mesure où le libéralisme économique provoque d'énormes inégalités.

12. Il en est de même de l'idée de progrès. Jadis si mobilisatrice, elle est aujourd'hui soumise à rude épreuve, lorsqu'elle n'est pas simplement rejetée. En réalité, s'il est un seul sentiment qui soit partagé dans le monde aujourd'hui, c'est bien le doute face au progrès, nombreux sont aujourd'hui celles et ceux pour qui il est synonyme de destruction des écosystèmes et des Eco-cultures.

13. L'idée d'un avenir radieux associée à cette notion de progrès est aussi aujourd'hui remise en cause. C'est qu'en effet si jamais autant qu'à notre époque, l'humanité n'aura produit autant de biens matériels ; si jamais autant qu'à notre époque, les systèmes de production n'auront été aussi performants grâce, en particulier, à la dématérialisation de l'économie et à la part de plus en plus grande jouée par les services et les technologies, il n'en demeure pas moins que les inquiétudes et les

incertitudes face à l'avenir n'auront jamais été aussi importantes qu'à notre époque où par le progrès et victimes du consumérisme, semblent avoir choisi de sacrifier les raisons de vivre sur l'autel des moyens de vivre.

14. Cette époque, dominée par ce que d'aucuns appellent une crise du sens, est l'ère des vérités partielles, contre l'idée platonicienne qu'il existe bien une vérité ; c'est l'ère du relativisme qui fait que même l'innommable peut faire sens.

15. Et à cette crise du sens n'échappe ni le culturel, ni le religieux, dans un monde de plus en plus interconnecté où la conscience des cultures et des religiosités autres ne s'accompagne pas cependant d'une pratique universelle de la tolérance et du dialogue mais donne lieu, au contraire, à des attitudes de forclusion des sociétés et de repli sur soi qui peuvent faire obstacle à la solidarité intellectuelle et morale de l'humanité à laquelle nous devrions tous, pourtant, œuvrer.

16. Mais si le monde va mal, la déshumanisation n'est pas pour autant une fatalité à laquelle il ne saurait échapper. En effet, si comme l'affirme avec force l'UNESCO, c'est dans les esprits que naissent les guerres, il devient symétriquement possible de faire de l'esprit une arme non plus de destruction mais de reconstruction massive. Et c'est bien l'enjeu de la thématique d'aujourd'hui : la culture de la paix

Messieurs les Présidents,

Mesdames, Messieurs,

17. La culture de la paix triomphera à quelques trois conditions que je voudrais énumérer rapidement. Il nous faut d'abord, reconnaître qu'en cette ère du complexe, il est urgent de changer de logiciel, fut-ce au prix d'une dissidence intellectuelle, d'une insurrection de l'esprit contre les doxas dominantes. Nous devons imaginer de nouvelles formes du vivre-ensemble, réinventer une nouvelle humanité qui ne soit pas mue par une logique binaire, qui n'ait pas à choisir entre l'être et l'avoir, entre les honneurs et l'honneur, entre raisons de vivre et moyens de vivre, entre démocratie et développement.

18. Il nous faut avoir une vision plus holistique de la paix. L'UNESCO en indique la voie, elle qui traite les ressources naturelles, les ressources culturelles et les ressources humaines comme autant de versants d'une approche intégratrice de la culture de la paix.

19. Mais c'est également le cas pour l'Union Africaine pour qui la paix ne saurait signifier simplement l'absence de guerres, même si mettre un terme aux conflits violents, « faire taire les armes en 2020 », comme elle le stipule dans l'Agenda 2063, est de la première urgence.

20. Il nous faut admettre que la culture de la paix est d'abord une culture de la relation entre paix, démocratie et développement. Nul ne conteste plus aujourd'hui que paix et développement sont les deux faces d'une même médaille, tant il est vrai qu'on ne peut imaginer un développement durable sans paix car guerre et développement sont antithétiques. Nul ne saurait non plus contester que paix et développement ont plus de chances d'éclorre dans un espace de démocratie qu'ailleurs car, même si l'on sait que la relation n'est pas toujours simple ou univoque, l'on convient aujourd'hui que la démocratie contribue au développement et à la paix.

21. Il nous faut admettre également que, par-delà ses fondements économiques et politiques, la paix a une dimension culturelle en ce que, pour être durable, elle doit procéder de la claire conscience que la diversité est enrichissante, que l'autre doit être traité non pas comme un alius mais comme un autre soi-même, un alter ego.

22. Le message qu'il faut faire entendre est celui qu'exprime le concept bantou de Ubuntu, qui a des équivalences dans toutes les aires linguistiques et culturelles africaines, et que l'on peut traduire par la formule « Je suis parce que nous sommes ». Une telle philosophie contribue à édifier des sociétés qui savent intégrer la différence, tisser des liens sociaux et humains fondés sur la reconnaissance de la dignité et de l'humanité de tous ses membres et qui œuvrent inlassablement à renforcer la vie.

Messieurs les Présidents, Mesdames, Messieurs,

23. Il nous faut, en second lieu, oser affirmer avec force que nous avons, aujourd'hui plus que jamais, un besoin de fraternité humaine. L'Afrique a payé un si lourd tribut aux conflits violents qui ont émaillé son histoire qu'elle ne peut pas rester insensible à la nécessité du développement d'une culture de la paix dans ses frontières et hors de ses frontières.

24. Pour avoir été lacérée, déchirée, démembrée, dépouillée, et vidée de ses forces

vives pendant plusieurs siècles, l'Afrique ne peut qu'être ouverte à la culture de la paix, tout comme à la notion de sécurité humaine dont la culture de la paix est une partie intégrante. Encore faut-il que soient prises, à tous les niveaux, des mesures qui mettent fin à la répression, à l'injustice et à l'exploitation car la paix ne saurait prospérer sur des sols marqués par de tels fléaux, tout comme elle ne saurait fleurir là où règnent l'ignorance et le manque d'informations.

25. Il nous faut affirmer qu'au banquet de la culture de la paix, nous ne venons pas les mains vides car, outre ses ressources naturelles qui lui valent le douteux honneur d'être courtisée par nombre de puissances, l'Afrique est riche de son capital immatériel : en l'occurrence une histoire millénaire, une culture d'ouverture et une matrice de diversité.

26. Sans sombrer dans l'angélisme, n'oublions jamais que « les fils aînés du monde », ainsi que Césaire nomma les Africains, inventèrent dès le 13^{ème} siècle une constitution : le Kurukan Fugan inscrit depuis 2009 sur la liste du Patrimoine culturel immatériel de l'Humanité.

27. Une constitution qui reconnaissait des droits aux étrangers, aux femmes et aux enfants et érigeait la concorde en vertu cardinale. Malgré l'épreuve du temps, cette constitution imprègne encore nos esprits d'autant qu'elle a été consolidée par des formes de convivialité remarquables tels que le cousinage ethnique, et le cousinage onomastique, connus sous le nom de parent à plaisanterie, qui sont au cœur de nos identités.

28. Ce patrimoine immatériel a également donné lieu à une fraternité confessionnelle qu'il nous faut préserver à tout prix pour ne pas sombrer dans les ténèbres qui ont entaché l'histoire de nombreux peuples à travers le monde.

Messieurs les Présidents, Mesdames, Messieurs

29. Il nous faut, en troisième lieu, réinventer notre avenir. Il nous faut le faire avec la claire conscience que la culture de la paix n'a de sens que si elle est pratiquée, et pas simplement prêchée. « La paix n'est pas un mot mais un comportement », aimait à dire Houphouët Boigny, premier Président de la République de Côte d'Ivoire indépendante. Parce qu'elle n'est pas un comportement inné, la paix ne peut devenir culture que si les groupes humains renoncent à voir dans la violence un mode normal de résolution des conflits et adoptent des comportements et des attitudes

portant à la tolérance, au respect de la diversité et à la pratique du dialogue.

30. En d'autres termes, un comportement dans lequel les pays, les communautés et les individus cherchent à résoudre leurs différences et leurs différends au moyen d'accords, de négociation et de compromis plutôt que de menaces et de violence.

31. Pour qu'il en soit ainsi, pour que la paix soit élevée au rang de pratiques quotidiennes, il faut qu'il existe un environnement législatif, politique mais également culturel et éducatif favorisant la résolution pacifique des tensions et conflits inévitables entre individus, communautés, partis et pays. Je me réjouis donc de savoir que les questions éducatives recevront l'attention qu'elles méritent.

32. Cet avenir qu'il nous faut inventer, il nous faut l'articuler autour d'un grand dessein qu'il nous appartient de définir collectivement. Je me garderai de m'y essayer aujourd'hui mais il me semble qu'à tout le moins il devrait avoir à son cœur deux principes directeurs.

33. Le premier est que le projet panafricain, qui est la raison d'être de l'Union Africaine, ne peut se construire que dans le pluriel. Il nous faut clamer que « le Bantou est un frère, et l'Arabe et le Blanc » comme aimait à dire le chantre de la Négritude, Léopold Sedar Senghor, auteur de l'hymne sénégalais d'où est extraite cette citation.

34. Le panafricanisme ne saurait ignorer que l'Afrique est terre de vie pour les populations noires mais aussi pour les populations arabes du Nord et les populations blanches du Sud. L'Afrique ne devrait jamais perdre de vue que la paix est menacée lorsque la peur et le ressentiment opposent des communautés raciales. Elle ne devrait jamais oublier que l'intolérance, qu'elle touche à la race, la classe ou la religion, et le préjugé sont les ennemis mortels de la paix.

35. Plus que jamais nous avons besoin de nous rouvrir à nous-mêmes pour la renaissance de notre continent. Et comme l'écrit Achille Mbembe, « tout faire et tout donner afin qu'aucun.e Africain.e ne soit traité comme un.e étranger.e en Afrique ».

36. Le second principe, c'est que notre jeunesse reste notre capital le plus précieux. C'est fort de cette conviction que je suis de ceux qui affirment que la meilleure façon de servir l'Afrique c'est de préparer sa jeunesse, de l'armer politiquement, intellectuellement et moralement pour aller à la conquête de l'avenir.

37. L'art et les diverses expressions culturelles peuvent y contribuer grandement à ce que se forge au sein de cette catégorie le sentiment d'une fraternité agissante. Une

fraternité qui doit sans cesse être régénérée.

Messieurs les

Présidents,

Mesdames, Messieurs

38. Je voudrais terminer mon allocution en exprimant le vœu que la Biennale de Luanda soit le lieu de l'affirmation que le destin de l'Afrique est entre nos mains et qu'à cette occasion nous réaffirmons notre détermination à faire de nos ressources naturelles, culturelles et humaines les piliers de notre édification de l'Afrique que nous voulons, telle que nous l'avons écrite dans l'Agenda 2063 de l'Union Africaine.

Je vous remercie



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación,
la Ciencia y la Cultura

Организация
Объединенных Наций по
вопросам образования,
науки и культуры

منظمة الأمم المتحدة
للتربية والعلم والثقافة

联合国教育、
科学及文化组织

Discours de la Directrice générale de l'UNESCO

Audrey Azoulay,

à l'occasion de la 1^{ère} édition de la Biennale de Luanda –

Forum panafricain pour la culture de la paix

Luanda, 18 septembre 2019

Votre Excellence, Monsieur João Manuel Gonçalves Lourenço, Président de la République d'Angola,

Votre Excellence, Monsieur Denis Sassou Nguesso, Président de la République du Congo,

Votre Excellence, Monsieur Ibrahim Boubacar Keïta, Président de la République du Mali, et champion de l'Union Africaine pour la culture et la nature,

Votre Excellence, Monsieur Hage Geingob, Président de la République de Namibie

Votre Excellence, Monsieur Moussa Faki Mahamat, Président de la Commission de l'Union africaine,

Docteur Denis Mukwege, Prix Nobel de la Paix,

Mesdames et Messieurs les Membres du gouvernement, Mesdames et Messieurs les Parlementaires,

Excellences, Mesdames et Messieurs les Membres du Corps diplomatique,

Mesdames et Messieurs,

Chers participants et participantes,

C'est un grand plaisir que d'ouvrir ici, en terre africaine, la Biennale de Luanda, pour poursuivre ensemble cette idéal que nous partageons, vers une culture de la paix, qui requiert engagement, lucidité et volonté politique. Je voudrais tout particulièrement saluer celle de l'Union Africaine et de l'Angola, et exprimer la reconnaissance de l'UNESCO à Son Excellence M. Faki Mahamat, Président de la Commission de l'Union Africaine, ainsi qu'au Président de la République de l'Angola, Son Excellence M. João Manuel Gonçalves Lourenço, pour avoir fait de Luanda davantage que la capitale de l'Angola : la capitale de la paix. Nous nous retrouvons dans un pays qui a connu, dans son histoire moderne, les déchirements de la guerre, qui en connaît intimement le prix et qui a choisi la paix.

Capitale de la paix, Luanda l'était en réalité déjà le 21 août dernier, lors de la signature d'un accord d'entente entre le Rwanda et l'Ouganda. Et votre engagement personnel, Monsieur le Président, pour que cette Biennale advienne doit être salué.

Ce même esprit de paix avait prévalu le 9 juillet 2018, à Asmara, lors de la signature d'un accord entre l'Érythrée et l'Éthiopie – et c'est l'une des raisons pour lesquelles le *Prix UNESCO Félix Houphouët-Boigny pour la Recherche de la Paix* a été décerné, cette année, au Premier Ministre éthiopien Abiy Ahmed Ali.

Vous le savez, cette culture de la paix est au cœur même de ce qui a réuni la communauté des Nations lors de la création de l'UNESCO, après que la Seconde Guerre mondiale ait montré ce que les pays parmi les plus développés sont capables de produire comme crimes de masse et négation de la dignité humaine en l'absence, justement, de cette culture de paix.

Cette culture de la paix que nous devons construire pour remplacer le fracas des armes par les dialogues sereins de la paix.

Et c'est sur le sol africain, à Yamoussoukro que le concept de « Culture de la paix » fut défini, lors du Congrès sur « *La paix dans l'esprit des hommes* » organisé par l'UNESCO en 1989. Les pères fondateurs de l'Union Africaine ont été les devanciers,

chantres de ce chemin pour une culture de la paix. Trente ans après, nous sommes appelés à nos responsabilités.

Pourquoi parlons-nous de « culture de la paix » plutôt que de « paix » ? Parce que la culture de la paix est davantage qu'un armistice ou un cessez-le-feu. Elle se construit et doit être nourrie dans le temps.

Selon la Déclaration de Yamoussoukro, c'est en effet « *un comportement [...], une adhésion profonde de l'être humain aux principes de liberté, de justice, d'égalité et de solidarité entre tous les êtres humains* ».

Nous sommes appelés à nos responsabilités dans un contexte qui n'est plus celui d'il y a 30 ans, et devons agir sous la pression des défis de notre siècle que sont les déplacements de population, la compétition accrue pour les ressources naturelles, le réchauffement climatique, l'urbanisation exponentielle, les vagues destructrices des clans terroristes et du fondamentalisme religieux, si éloigné pourtant des traditions africaines, la disruption technologique qui appelle à remodeler les systèmes éducatifs, mais aussi à penser les valeurs que nous voulons préserver dans ce monde du numérique et des algorithmes – c'est le débat sur l'éthique de l'IA que nous venons de lancer et pour lequel le premier dialogue a eu lieu en Afrique.

Et si nous avons appris quelque chose au cours de ces trente dernières années, c'est qu'il n'est de résilience et de protection durable de la paix que par les sociétés elles-mêmes. Les mécanismes visant à protéger la paix par le sécuritaire seulement ont montré leurs limites. Ces mécanismes sécuritaires sont nécessaires mais jamais suffisants. C'est pourquoi cette Biennale, nous l'avons construite autour et pour la société civile, dans un esprit d'alliance.

A travers d'abord l'éducation et la culture, qui ne doivent jamais être pensées sans le respect de la dignité humaine partagée et d'une humanité commune, l'éducation et la culture qui permettent d'être acteurs de son propre destin, de savoir d'où l'on vient pour pouvoir regarder l'Autre. D'être porteurs de son histoire pour se projeter dans la modernité.

Car comme le dit un proverbe sénégalais, « *il ne peut pas y avoir de paix sans compréhension* ». Cette compréhension, c'est la conscience du patrimoine de chacun et du patrimoine commun – une histoire en partage qu'illustre le site angolais

de *Mbanza Kongo*, ancienne capitale politique et culturelle du Royaume du Kongo, inscrite sur la Liste du patrimoine mondial de l'UNESCO en 2017.

Cette compréhension, c'est encore celle qui doit s'adresser tout particulièrement aux plus vulnérables, les plus pauvres qui sont souvent les premières victimes de la violence, et je pense notamment aux réfugiés. C'est dans cet esprit que l'UNESCO mobilise la vitalité d'expression de la danse, des arts visuels pour promouvoir la culture de la paix aux services des droits de l'Homme.

C'est dans ce même objectif que nous nous sommes particulièrement investis au Mali, ces dernières années et encore tout récemment, parce que les traditions, le patrimoine matériel et immatériel sont des soutiens pour résister aux idéologies mortifères que certains cherchent à importer, et au délitement social qu'ils cherchent à provoquer.

La question des imaginaires, de leur puissance et de leur souveraineté a trop souvent été négligée. C'est le sens aussi de la présence dans cette Biennale de grands festivals africains.

L'UNESCO vous accompagne, et c'est sa priorité, pour consolider les systèmes éducatifs africains. Depuis 2012, plus de 10 000 formateurs d'enseignants ont bénéficié de modules et d'ateliers de formation sur le continent.

Dans le même objectif, dans les écoles, nous travaillons à renforcer les séances dédiées au renforcement des compétences interculturelles. Et surtout nous faisons de l'éducation des filles et des femmes notre axe prioritaire, car c'est en soutenant la durée d'éducation des filles que nous ferons véritablement avancer cette culture de paix.

Nous avons voulu également consacrer une session de cette Biennale aux ressources naturelles alors que les crises de l'eau, de l'utilisation des terres, du climat, nous imposent de repenser leur gestion de façon plus coopérative.

C'est le sens du programme de l'UNESCO pour les biosphères sur le continent, qui vise à concilier préservation de la biodiversité et activité durable, c'est le sens de notre programme sur la coopération hydrologique, c'est l'ambition de notre projet *au Lac Tchad*, qui inclut patrimoine, emploi et biosphère. Nous sommes aussi engagés

pour défendre la liberté de la presse et le pluralisme. Et je me réjouis de l'accompagnement que l'UNESCO va affectuer pour reconstruire aussi les capacités scientifiques de l'Angola, pour former des chercheurs et chercheuses et mettre en place des filières doctorales dans tout le pays. Je veux ici saluer l'ambition de l'Angola pour la recherche scientifique.

Rien de cela ne pourra être fait sans l'implication de la jeunesse, ou sans progrès pour la place et la situation des femmes, elles qui sont à la fois les premières victimes des conflits et les meilleures défenses de la paix, mais qui restent trop souvent marginalisées dans l'éducation, comme dans les lieux de décision de la vie politique et économique. Et je voudrais remercier le Dr Mukwege, qui porte dans le monde son action et sa parole pour non seulement que soient protégés les femmes et enfants dont le corps est dévasté par les violences de guerre, mais aussi pour que justice leur soit rendue.

C'est bien l'ambition de cette Biennale d'être le carrefour de la culture de la paix. En servant d'espace de réflexion sur l'avenir de la paix en Afrique, en valorisant la richesse culturelle des pays africains et leur résilience face à la violence, en encourageant la mobilisation du plus grand nombre de partenaires publics et privés, chercheurs, scientifiques, acteurs culturels, ONG, médias, entreprises, fondations, banques de développement, institutions du système des Nations Unies – car c'est la responsabilité de tous. Je salue aussi parmi vous de grands sportifs, artistes, dont l'engagement remarquable est si important, cher Didier Drogba, cher A'Salfo.

C'est pour cela que nous tenons à présenter, pendant la Biennale, des exemples de réussite et bonnes pratiques dans le cadre du Forum des partenaires : une Alliance pour l'Afrique.

Cette dynamique doit être impulsée et encouragée par des politiques publiques qui investissent dans l'éducation, la culture, les sciences dans la durée et à hauteur de ces ambitions, et pourquoi pas en s'engageant aussi dans les ressources du budget public consacré à la culture, à l'éducation et aux sciences.

Je vous remercie et vous souhaite une excellente Biennale. *Muito Obrigada.*

**DISCOURS DE S.E. MOUSSA FAKI MAHAMAT, PRÉSIDENT
DE LA COMMISSION DE L'UNION AFRICAINE
1^{ÈRE} ÉDITION DE LA BIENNALE DE LUANDA :
FORUM PANAFRICAIN POUR UNE CULTURE DE PAIX EN AFRIQUE
LUANDA, ANGOLA 18 SEPTEMBRE 2019**

Excellence Monsieur João Lourenço, Président de la République
d'Angola, Excellences Messieurs les Chefs d'Etat et de
Gouvernement, Madame Audrey AZOULAY, Directrice générale de
l'UNESCO, Monsieur Denis MUKWEGE, Lauréat du Prix Nobel de
la paix 2018, Mesdames Messieurs les Ministres,
Mesdames les Commissaires aux affaires sociales et Economies
rurales, Chers participants,
Mesdames Messieurs,

L'Afrique qui a été victime de la rigueur coloniale et des crises politiques des
lendemains des indépendances, cette Afrique est toujours en proie à trop de violences. C'est
pour cette raison que l'aspiration à la paix est plus grande que partout ailleurs.

Mais la paix est un processus de sédimentation par pallier. Elle se construit progressivement,
façonne le comportement et la mentalité. Elle ne devient une essence que lorsqu'elle
s'enracine dans le cœur. Il faut donc lui donner le temps de se forger dans les consciences,
les esprits et la raison.

Nous avons tous cru après les affres de la Seconde Guerre mondiale que les valeurs de
liberté, et d'égalité étaient ancrées, que la culture de la paix était définitivement acquise mais
hélas, notre histoire le démontre, les peuples africains ont dû payer un prix lourd pour
acquérir la liberté, l'indépendance.

C'est cette paix que l'Union Africaine s'attelle à consolider là où elle existe et à la construire
là où elle a été détruite. L'Afrique que nous voulons, une Afrique intégrée, prospère et en
paix stipule l'Agenda 2063. C'est pour cette raison que nous relevons, avec beaucoup
d'amertume, le regain d'un extrémisme violent et d'une intolérance religieuse dans certaines
régions du Continent.

La tragédie que vit le Mali et le Sahel ces dernières années, aggravée par le viol de la
mémoire historique et culturelle de l'Afrique qu'est la ville Tombouctou commis par des
narcoterroristes, sont une insulte pour ce grand pays et son vaillant peuple, qui ont contribué
au rayonnement de l'Afrique à travers une richesse culturelle et intellectuelle inestimable.

C'est d'ailleurs en reconnaissance de ce passé glorieux et son engagement personnel que
l'Union Africaine a fait de Son Excellence Ibrahim Boubakar Keita le champion de l'Afrique
sur les questions culturelles, dont je salue la présence à ce jour parmi nous.

Ce qui se passe actuellement dans la région du Lac Tchad et dans la Corne de l'Afrique où la secte Boko Haram et les Shébab prônent un obscurantisme moyenâgeux tout en répandant le sang, est tout aussi scandaleux. Il faut ajouter à cette liste, la montée et la récurrence des conflits intercommunautaires, instrumentalisée par les extrémistes djihadistes exacerbée par une xénophobie mortifère dont l'Afrique n'a nullement besoin.

Tout cela est une négation grave de la culture de la paix telle qu'énoncée dans l'Agenda 2063 et la Charte de la Renaissance culturelle Africaine. Ces remises en cause de la paix et toutes ces menaces à la coexistence pacifique entre les peuples du Continent ont des effets ravageurs dans nos sociétés.

Excellences, Mesdames et Messieurs

La première édition de la biennale de Luanda qui se tient ce jour, et qui, je le rappelle, a été entérinée par la 24ème session ordinaire de la Conférence de l'Union africaine de janvier 2015, doit être l'occasion pour nous d'évaluer l'état de la paix en Afrique, et d'indiquer les moyens de la cultiver et de la pérenniser.

Mon souhait est que ce Forum, qui rassemble des intelligences venues d'horizons divers, fasse une analyse sans complaisance des préoccupations africaines dans l'appropriation de la promotion de la culture de paix dans le Continent. Je saisis ici cette opportunité pour saluer notre frère Denis Mukwege dont l'engagement en faveur de la Paix a été couronné par le Prix Nobel en 2018. Son expertise nous sera d'une grande utilité.

Je voudrais rappeler qu'en Afrique, la culture de la paix s'abreuve de l'ensemble des valeurs, des systèmes de pensée, des formes de spiritualité, d'expressions culturelles et artistiques, de transmission de savoirs, lesquels participent du respect des droits de l'homme, de la diversité culturelle, de la solidarité et du refus de la violence.

Pour nourrir ces échanges, le thème principal « construire et pérenniser la paix : un mouvement multi-acteurs », verra se greffer d'autres thématiques tels que les réfugiés, rapatriés et déplacés internes, la prévention des violences, résolution et atténuation des conflits par la culture et l'éducation, la prévention des conflits autour des ressources naturelles transfrontalières et la promotion d'une culture de la paix : le rôle des médias traditionnels et numérique.

Toutes ces thématiques sont au centre de l'Architecture africaine de paix et de sécurité. Je voudrais noter la part importante jouée par les femmes dans le règlement des conflits et la promotion de la culture de la paix en Afrique. Je salue le travail de Madame Ellen Johnson Sirleaf et de mon Envoyée Spécial Madame Bineta Diop.

Il me paraît dès lors important de souligner que le renforcement de la gouvernance, dans toutes ses dimensions, s'avère être un prérequis pour contrer les nouvelles menaces qui pèsent sur la paix et la sécurité sur le continent.

Oui gouvernance en Afrique mais également se pose la question de la gouvernance mondiale, du lien entre paix, sécurité et développement et le rôle des Nations unies en la matière.

Mesdames et Messieurs,

L'Afrique à laquelle des siècles d'une histoire ingrate ont infligé tant de méfaits peut et doit poursuivre sa quête de paix. Lorsque, comme c'est le cas ici en Angola, l'Histoire contemporaine est riche d'enseignements sur les bienfaits de la paix après les meurtrissures des confrontations, le peuple devient naturellement l'artisan et le bénéficiaire de cette paix chèrement conquise.

En nourrissant les générations présentes et futures dans la culture de la paix, l'Afrique apporte une précieuse contribution aux valeurs d'humanisme, les plus exigeantes et les plus dignes, de son patrimoine de berceau de l'humanité. Je voudrais appeler à cet égard notre jeunesse au devoir de mémoire et de ne pas céder à la sirène du radicalisme destructeur. Aussi- nous faudra-t-il nous mettre l'accent sur l'éducation, véritable rempart contre tous les extrémismes.

Avant de terminer, je voudrais remercier et rendre hommage à Son Excellence Monsieur João Lourenço, pour l'invitation qui nous est adressée et toutes les dispositions prises pour la réussite de cette première édition de la biennale de Luanda.

Mes remerciements vont aussi à Madame Audrey AZOULAY, Directrice générale de l'UNESCO et à son équipe pour le travail d'accompagnement dans la réalisation de cette belle initiative ainsi qu'à Madame Amira Al Fadil, Commissaire aux affaires Sociales de l'Union africaine et ses équipes. Je souhaite plein succès à cette Biennale et forme le vœu que Luanda s'installe durablement comme centre d'impulsion d'une culture de paix qui s'étende à tout le genre humain.

Je vous remercie.



Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

1^{ère} édition

Biennale de Luanda – Forum panafricain pour la culture de la paix

Forum des femmes

sous le thème

« Les femmes et la culture de la paix »

Luanda (Angola)

21 septembre 2019

9h00-9h30

Tente

Discours d'ouverture

Monsieur Moez Chakchouk

Sous-Directeur général pour la Communication et l'information

**Votre Excellence, Madame Carolina CERQUEIRA, Ministre d'Etat, Ministre de l'action sociale de la République d'Angola,
Votre Excellence, Madame Emanuela Claudia DEL RE, Vice-Ministre des affaires étrangères et de la coopération internationale de la République italienne,
Madame Aissatou HAYATOU, Chef de l'Unité « Silencing the guns » du Bureau du Président de la Commission de l'Union africaine,
Chers Panélistes,
Chers Collègues,
Mesdames et Messieurs,**

[Introduction : les femmes et la culture de la paix]

Aujourd'hui, 21 septembre, le monde entier célèbre la Journée internationale de la paix. Que le présent forum sur « Les femmes et la culture de la paix » se tienne ce jour est une coïncidence symbolique qui vient nous rappeler qu'il ne peut y avoir, dans nos sociétés, de véritable paix possible sans prise en compte des droits des femmes et sans implication de ces dernières. La culture de la paix, en ce sens, se doit de reconnaître et d'inclure les femmes, ainsi que de prendre conscience de leur nécessaire contribution au progrès et au développement de nos sociétés.

[Violence et exclusion des femmes : état des lieux en Afrique]

La reconnaissance et l'inclusion sociales pleines et entières des femmes en Afrique sont en cours. En effet, en considérant le premier sous-thème de ce forum, la vulnérabilité des filles et des femmes à la violence, le continent demeure, comparativement au reste du monde, la région où les avancées

en matière de lutte contre la violence à l'égard des femmes et des filles sont encore les plus lentes. Concernant la violence à l'égard des femmes en général, par exemple, on notait en 2015, que « *la prévalence de la violence physique est élevée en Afrique : près de la moitié des pays africains indiquent une prévalence pour l'ensemble de la vie de plus de 40%.* » Elevé également était le taux de prévalence des violences sexuelles : « *plus de la moitié des 19 pays africains pour lesquels des données [étaient] disponibles [avaient] indiqué une prévalence de 20 % au moins.* » Pour ce qui est spécifiquement de la violence à l'égard des filles, c'est encore en Afrique que ces dernières sont le plus exposées aux mutilations génitales et aux mariages précoces et forcés. En période de conflits armés, la vulnérabilité des filles et de femmes est particulièrement aggravée, puisqu'elles constituent la majorité des personnes déplacées, réfugiées et exposées à ces armes de guerre que sont les viols et les autres formes de violences sexuelles.

La non-reconnaissance des droits des femmes et leur exclusion sont aussi manifestes dans le domaine de la prévention et de la résolution des conflits. On constate, en effet, en général que peu de femmes sont associées aux négociations en vue de la cessation des hostilités et de la reconstruction de la paix. Cette exclusion des femmes dans les négociations, et autres processus de paix, ont souvent pour conséquence la perpétuation, après les conflits armés, de nombre d'inégalités sociales entre les genres. La persistance de ces inégalités, même après la cessation des hostilités, démontre que la paix ne signifie pas uniquement l'absence de la guerre. Une société qui se remet d'un conflit armé mais dans laquelle les droits des filles et des femmes ne sont pas toujours reconnus et promus n'est pas encore véritablement pacifiée.

[L'égalité des genres : une priorité pour l'UNESCO]

La pacification des sociétés par la prise en compte des droits des femmes est une des ambitions de l'UNESCO ; ambition mise en œuvre, notamment, par la constitution, en 2008, de la priorité globale : « Égalité des genres ». Pour l'UNESCO, l'égalité des genres suppose l'égalité des droits, des responsabilités et des opportunités entre les femmes, les hommes, les filles et les garçons. Cela implique que les intérêts, les besoins et les priorités des femmes et des hommes soient pris en considération, tout en reconnaissant leur diversité. L'égalité des genres est un principe inhérent aux droits de l'homme, une condition *sine qua non* au développement durable. Le but de la priorité « Égalité des genres » est de renforcer la capacité de l'UNESCO à promouvoir par ses politiques, ses programmes et ses initiatives, la création d'un environnement donnant aux femmes et aux hommes d'horizons divers les moyens de contribuer à un développement et à une paix durables, ainsi que d'en recueillir les fruits.

Cette priorité « Égalité des genres » sous-tend l'ensemble de nos activités et de nos programmes, y compris dans le domaine de la communication et de l'information, que ce soit en matière de liberté d'expression, de développement des médias, ou d'édification de sociétés du savoir inclusives. Les femmes sont par exemple sous-représentées dans les médias, et cela à l'échelle globale. Ce manque d'inclusion et de représentation se traduit par une absence de diversité dans les discours et débats publics, ce qui peut entraîner des conséquences plus graves pour les sociétés démocratiques.

Permettre aux femmes de s'impliquer dans la mise en œuvre des Objectifs de développement durable est indispensable à la bonne réalisation de ces derniers. L'égalité des genres implique également que nous travaillions à une meilleure autonomisation des femmes, enjeu auquel l'UNESCO s'efforce d'apporter des solutions novatrices, prenant en compte les transformations numériques de notre époque ainsi que l'essor de nouvelles technologies.

**Vos Excellences,
Mesdames et Messieurs,**

[Au-delà des faits : un appel à l'action pour l'inclusion des femmes]

L'objectif de ce forum n'est pas de ressasser les statistiques qui mettent en relief la non-reconnaissance et la non-inclusion sociales des femmes. Ces statistiques sont suffisamment connues. Il s'agit plutôt de mettre l'accent sur les actions à entreprendre pour une pacification accrue de nos sociétés par la prise en compte des droits des filles et des femmes. Dans cet ordre d'idées, la résilience et l'activisme des femmes elles-mêmes ont une part importante.

En effet, partout en Afrique, les femmes et leurs organisations œuvrent, par des actions et des initiatives concrètes, à la promotion et la consolidation au quotidien d'une culture de la paix et de la non-violence au profit de l'ensemble de leur société.

En cette journée internationale de la paix, ce forum a donc pour objectif, en mettant en exergue des bonnes pratiques des organisations féminines, de célébrer la femme africaine comme tisserande de la paix au quotidien. La paix est d'abord une vertu conciliante et reliante, un état d'esprit d'ouverture à l'autre, une volonté de bienveillance, de confiance, de justice.

Ce statut et ce rôle de la femme africaine tisserande de la paix sont parfaitement illustrés par l'existence sur le continent de nombreux réseaux de femmes pour la paix, dont certains sont ici représentés.

Etre tisserande de la paix, dans le cadre d'un réseau de femmes, c'est aussi veiller à ne pas succomber à la tentation du repli insulaire. Etre tisserande de la paix, c'est être toujours en capacité de tisser de liens nouveaux. Il s'agit là d'une exigence pour tous ceux qui sont engagés à promouvoir et à construire la culture de la paix. C'est une exigence de coopération, de solidarité.

Ces vertus de solidarité et de coopération, levain de la culture de la paix, constituent la raison d'être de l'UNESCO, comme l'atteste son Acte constitutif qui appelle au resserrement de la « collaboration entre nations », par l'éducation, la science et la culture.

Je vous remercie.



*Intervenção de Sua Excelência
Senhora Ministra de Estado para a Área
Social*

Dr.^a Carolina Cerqueira

*No âmbito da Bienal da Paz por ocasião do Fórum
das Mulheres: “Mulheres e a Cultura da Paz”*

*Luanda, 21 de Setembro de
2019.-*

EXMO SENHOR MOEZ
CHAKCHOUK, DIRECTOR GERAL
ADJUNTO DO SECTOR DE
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO DA
UNESCO,
EXMO SENHOR REPRESENTANTE
DA UNIÃO AFRICANA,
EXMA SENHORA EMANUELA
CLAUDIA DEL RE, VICE MINISTRA
DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E
DA COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL,
MINHAS SENHORAS E MEUS
SENHORES,

Permitam-me em primeiro lugar, felicitar a Bienal de Luanda pela organização deste Fórum das Mulheres, para abordar o tema as “Mulheres e a Cultura de Paz.” A Paz é sinónimo de inclusão, não é possível uma paz efectiva e sustentável, sem o contributo das mulheres, que são mais de metade da população e a base fundamental das famílias, são elas as mais presentes na educação, sensibilização e engajamento social nas comunidades.

Falar das mulheres na cultura de Paz é falar do diálogo construtivo, da necessidade de se formar uma geração que preze a não-violência e a negociação para a resolução de conflitos, a confiança e a cooperação a partir de relações de amor, partilha e inter-ajuda, onde cada

cidadão é um verdadeiro agente e mediador da paz.

Hoje, a definição de Paz, está para além da ausência de conflito, a construção da Paz exige um novo olhar sobre o conceito de paz, na medida em que Paz não é apenas a cessação de conflitos bélicos, mas sobretudo a noção de que é fundamental haver estabilidade, desenvolvimento sustentado e o respeito pelos direitos humanos.

"Tudo que vive é o teu próximo", disse Gandhi. A construção da cultura de Paz exige-nos um amplo cuidado para com as crianças, com os idosos, com as famílias, com a comunidade, com a natureza, com o outro e com nós mesmos. A educação deve voltar-se para ensinar continuamente o respeito à vida.

A cultura da paz rejeita a violência física, sexual, étnica, psico-emocional, social, das palavras e das acções.

Para uma verdadeira cultura de paz é preciso eliminar, não só a violência criminal, passível de condenação judicial, mas também aquela naturalizada, não reconhecida pelos cidadãos, a violência presente nas relações familiares autoritárias, na violência conjugal, na violência contra os seres mais vulneráveis e desprotegidos, em particular as crianças, no autoritarismo no local de trabalho, as relações de carácter racista e sexista, que muitas vezes aparecem subtilmente nas nossas vidas e nas nossas sociedades, e não nos apercebemos que provocam efeitos que perturbam a

tranquilidade social e fragilizam as relações familiares.

Destaco aqui o papel das mulheres nessa mudança de paradigmas: a afirmação dos valores femininos e da natureza feminina da alma humana pode nos trazer uma nova percepção do mundo e da vida, precisamos de construir novos diálogos e novos laços de solidariedade, baseados na generosidade, no altruísmo, na humildade, que podem servir de pontes fundamentais para o fortalecimento da Paz e da harmonia social.

Há exemplos poderosos no nosso continente de como a liderança feminina pode levar à paz efectiva e sustentável, o movimento pacifista de Leymah Gbowee da Libéria, Prémio Nobel

da Paz, em 2011, que inspirou as mulheres liberianas na luta pela Paz e constitui uma plataforma para a resolução no conflito naquele país da África Oeste.

No Mali, as mulheres tem vindo a jogar um papel muito importante nas suas famílias e comunidades, na resolução de conflitos étnicos e combate a violência.

No Sahel, o rendimento, o estatuto e a resiliência das mulheres têm sido impulsionados por programas que procuram combater a desigualdade de género no acesso à terra e a outros activos produtivos. No Quênia, organizações de mulheres estão a usar as mães para identificar e combater a disseminação da radicalização religiosa.

No Burundi as mulheres desempenharam um papel importante como negociadoras e educadoras para a Paz, tanto na família, como na sociedade, especialmente no período de transição e na implementação do acordo de Arusha, no anos 2000.

Mais recentemente no Sudão, as mulheres Sudanesas como Alaa Salah, tornaram-se ícones na liderança de multidões de mulheres com a manifestar-se pela liberdade e democracia.

Gostaria de ressaltar o papel das mulheres angolanas na educação e preservação da Paz, cujos exemplos datam desde a luta de libertação nacional, evidenciaram-se na fase do multipartidarismo através de movimentos femininos que desenvolveram actividades

cívicas, culturais e religiosas em todo o país. Após o advento da Paz, em 2002, as mulheres do meu país continuam a ser as promotoras da Paz, e da sua preservação e conservação a nível familiar, comunitário e cívico, multiplicando-se em programas de educação junto as comunidades, assistência social e jurídica gratuita, apoio as populações vulneráveis, na mediação de conflitos e a nível mais alto na observação eleitoral.

Excelências,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Temos que multiplicar os rostos e a visibilidades das mulheres africanas nos órgãos de tomada de decisão, da base ao mais alto nível, e ampliar as suas vozes, garantir a

representatividade e incluí-las na resolução dos problemas à nível local, nacional, regional e internacional.

Eu acredito que para falar de Paz há três questões chave: a educação, a sustentabilidade e a inclusão. É urgente canalizar os nossos esforços na construção da África que sonhamos, uma África sem conflitos, inclusiva, com cidadãos educados e saudáveis, porque só assim poderemos alcançar o desenvolvimento sustentável, o crescimento económico e a justiça social, assente num alto índice de desenvolvimento humano.

Tenho a plena convicção que cidadãos educados e informados são mais críticos, conciliadores e resistentes à desinformação e ao caos social, exercendo o seu direito de

cidadania na sua mais alta dimensão e são as mulheres, fonte de vida e guardiãs dos bons costumes e das tradições as principais impulsionadoras e do bem estar das comunidades, em que estão inseridas, onde são mais respeitadas e podem exercer um papel de liderança socialmente activo.

Para alcançar este desiderato é fundamental que as mulheres estejam na vanguarda deste movimento, que se façam presentes, que se façam audíveis, que ajam, que estejam unidas, e continuem com coragem e esperança, para que vivamos uma nova era de Paz efectiva no continente africano e possamos construir as sociedades prósperas que todos desejamos.

A Bienal de Luanda que juntou vozes, povos e aspirações, de todas as gerações, diversidade

cultural e franjas da sociedade, é a prova evidente de que a Paz é pertença de todos e que para ser duradoura deve ser construída na compreensão mútua dos povos e solidariedade intelectual da humanidade, mas a Paz prova igualmente, que cada homem e cada mulher possui infinitos recursos de tolerância e de dignidade que devem ser consagrados ~~utilizar~~ no cumprimento deste ideal.

Bem Haja. Bem Haja a Paz! Bem haja a Bienal de Luanda. Muito obrigada pela vossa atenção!

PALAVRAS DE ENCERRAMENTO DA BIENAL DE LUANDA FÓRUM PAN-AFRICANO PARA A CULTURA DE PAZ (18 A 22 DE SETEMBRO DE 2019)

Aníbal João da Silva Melo
Ministro da Comunicação Social de Angola

Encerramos hoje a primeira edição da Bienal de Luanda – Fórum Pan-Africano para a Cultura de Paz, uma iniciativa conjunta do governo angolano, da União Africana e da Unesco. Cabe-me a honra de endereçar a todos os presentes, portanto, algumas palavras de encerramento, em nome do executivo liderado pelo presidente João Lourenço, a cujo alto patrocínio se deveu igualmente, sem dúvida, o sucesso desta primeira edição.

Durante cinco dias, tivemos o prazer de acolher em Luanda cerca de 2.800 delegados e participantes provenientes de todo o mundo, dos quais cerca de 2.000 do nosso próprio país e os restantes de outras nacionalidades, incluindo os delegados indicados pela União Africana e pela Unesco.

Permitam-me destacar a presença neste evento de três chefes de Estado (Angola, Namíbia e Mali), da directora geral da Unesco, do presidente da Comissão da União Africana, do Prémio Nobel da Paz 2018, Denis Mukwege, da Comissária para os Assuntos Sociais da União Africana e do grande atleta e sobretudo cidadão africano Didier Drogba, assim como de vários ministros de 13 países, dos quais 11 africanos e dois europeus (Portugal e Bélgica) secularmente ligados ao nosso continente e, hoje, de forte e relevante imigração africana.

Como bem expressava um dos lemas da bienal, foram cinco dias de reflexão, debates e intercâmbio. Quatro eventos foram realizados no quadro da Bienal: o Fórum de Parceiros, o Fórum

de Ideias, o Fórum das Mulheres e o Festival de Culturas. Os seus resultados foram devidamente enunciados no comunicado final. Mas como, em África, festa, mais do que lazer, é resistência, não posso deixar de realçar o êxito do Festival de Culturas, realizado na emblemática Fortaleza de Luanda, edificada pelos portugueses em 1576 para se defenderem de possíveis incursões marítimas contra a cidade e hoje convertida em Museu da História Militar de Angola.

A conclusão mais importante desta primeira edição da Bienal de Luanda foi, talvez, o apelo para a formação de uma coligação múltipla de parceiros para a capacitação dos povos africanos para a transformação positiva das nossas sociedades, envolvendo as comunidades económicas regionais, as instituições académicas e associações profissionais, as organizações internacionais, o sector privado, a sociedade civil, filantropos e personalidades influentes no continente e no exterior.

Foram feitas igualmente recomendações e sugestões para que a comunicação social reforce o seu papel como promotora da paz e do desenvolvimento de África. O actual governo angolano compreendeu desde o princípio, após as eleições de 23 de Agosto de 2017, a importância de criar no país um sistema de comunicação social aberto, plural, livre e diversificado. Isso é reconhecido não apenas pela nossa sociedade, mas também por organizações internacionais independentes, que têm melhorado a posição de Angola no ranking de liberdade de imprensa. Estamos conscientes de que ainda há muito a fazer e vamos fazê-lo.

Os participantes da Bienal que hoje encerramos em Luanda alertaram para o perigo de desinformação decorrente do uso inapropriado das chamadas redes sociais. Estamos plenamente de acordo. Aceitamos, por isso, o repto de investir na

capacitação das pessoas para pensarem e usarem de “modo crítico” as informações que recebem através desses meios, que, está visto, tanto podem servir para informar e libertar, como manipular grosseiramente, criar a polarização, assediar, estimular o ódio e voltar a escravizar.

A primeira edição da Bienal da Paz acabou. Mas a segunda edição já está aí à porta. Com a vossa permissão, gostaria de deixar algumas ideias, para que a segunda edição seja ainda melhor do que a primeira. Na minha opinião, é necessário começar desde já a criar as condições para que o nível de participação dos cidadãos, sobretudo provenientes do exterior, seja maior do que aconteceu nesta edição inicial, facilitando as participações individuais. Por outro lado, um dos temas a debater necessariamente pelos povos africanos – e a Bienal da Paz é um espaço adequado para isso – é a situação das diásporas africanas, ou seja, não apenas o seu grau e natureza de integração nas sociedades a que pertencem, mas também as possíveis formas de colaboração com os países africanos independentes.

Luanda, 22 de Setembro de 2019.



Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

1^{ère} édition

Biennale de Luanda – Forum panafricain pour la culture de la paix

Cérémonie de clôture

Luanda (Angola)
22 septembre 2019
12h30-13h00
Tente

Discours de

Monsieur Moez Chakchouk

Sous-Directeur général pour la Communication et l'information

**Votre Excellence, Monsieur Joao MELO, Ministre de la communication sociale de la République d'Angola,
Madame Josefa Lionel CORREIA SACKO, Commissaire à l'économie rurale et à l'agriculture de la Commission de l'Union africaine,
Distingués Invités,
Chers Collègues,
Mesdames et Messieurs,**

[Introduction et remerciements]

Au nom de la Directrice générale de l'UNESCO, je tiens à vous faire part de notre satisfaction au vu des résultats positifs de cette première édition de la « Biennale de Luanda – Forum panafricain pour la culture de la paix ». Il s'agit là d'un heureux dénouement, résultat de l'excellente coopération entre l'UNESCO, l'Union africaine et le Gouvernement de la République d'Angola. Depuis le Forum panafricain de 2013, nous sommes en effet engagés à œuvrer de concert à la promotion de la culture de la paix, particulièrement en Afrique.

Le succès de cet événement doit beaucoup à l'engagement personnel de Son Excellence Monsieur João Manuel Gonçalves Lourenço, Président de la République de l'Angola, à qui je voudrais réitérer notre profonde gratitude.

Je remercie également l'ensemble du Gouvernement de la République d'Angola pour toutes les dispositions prévenantes qui auront facilité et agrémenté le séjour de tous les participants et de toutes les délégations.

Pour leur appui, je voudrais tout aussi témoigner notre gratitude à l'ensemble de nos partenaires, et notamment ENI, Banco BNI, Total et Royal Air Maroc.

**Monsieur le Ministre,
Distingués Invités,
Mesdames et Messieurs,**

[Rappel du Forum panafricain de 2013]

Comme cela a été souligné à maintes reprises, la présente Biennale pour la culture de la paix s'inscrit dans le prolongement du Forum panafricain de 2013.

Ce forum de 2013 fût le temps de la recension des potentialités africaines de la paix, c'est-à-dire des **sources** et **ressources** endogènes au continent en matière de culture de la paix. Par « **sources** africaines » de la paix, il s'agissait de promouvoir l'idée d'une réappropriation des fondements des identités de l'Afrique, d'en examiner les racines et les mutations pour aller chercher les facteurs clés de la résilience. Par « **ressources** africaines » de la paix, l'idée était d'évaluer, de mesurer les richesses du patrimoine culturel et humain de l'Afrique et d'identifier les leviers pour agir. Le forum de 2013 aura été le temps de la réappropriation de cette vérité, à savoir que l'Afrique tout entière est, à la fois, une source et une ressource pour une culture de la paix, mais aussi que la culture de la paix est, à son tour, une source et une ressource pour l'Afrique.

[Résultats de la Biennale de Luanda]

Avec la « Biennale de Luanda », c'est un nouveau temps qui s'ouvre aujourd'hui : le temps de la conversion en action de la réflexion sur les innombrables et multiséculaires sources et ressources africaines de la paix. Après avoir identifié les leviers d'émergence de la paix, il s'agit maintenant de les actionner.

Cette première édition de la Biennale pour la culture de la paix aura réussi à amorcer ce passage de la réflexion à l'action sur deux points.

[1. Une approche multipartite pour la culture de la paix]

Le premier, c'est de faire de la culture de la paix un véritable outil que s'approprient non seulement les Etats, mais également les citoyens et les peuples.

Idéal éthique qui appelle à une mise en œuvre concrète, la culture de la paix ne saurait être le seul fait des Etats. Elle doit être tout autant une responsabilité des individus et de la société civile, une œuvre solidaire qui implique, par-delà les pouvoirs publics, l'ensemble des maillons de la société. Cette première édition de la Biennale a su témoigner de cette appropriation populaire de la culture de la paix, par la diversité des participants, y compris des représentants des gouvernements, des organisations de la société civile, des jeunes, des femmes, des artistes, etc.

[2. Les partenariats pour la culture de la paix]

Le second point qui justifie que la Biennale amorçe le passage de la réflexion sur la culture de la paix à l'action aura été la création du « Forum des partenaires – Alliance pour l'Afrique ». Par la création de cette alliance, il s'agit en effet de donner sens et contenu à la culture de la paix en ancrant la « Biennale de Luanda » dans la durabilité.

Là encore, je tiens à remercier tous les pays, africains et non africains, toutes les organisations et associations de jeunes et de femmes, les artistes, les représentants des Commissions nationales pour l'UNESCO, les universitaires, etc. qui ont accepté de participer à la Biennale dans le cadre du Forum d'idées, des Forums des jeunes et des femmes, et du Festival des cultures.

[Conclusion : ancrer la Biennale dans une perspective durable]

Dans l'immédiat, ancrer la Biennale dans la durabilité, ce sera veiller, dans l'intervalle de la présente édition à la prochaine, au suivi des recommandations issues de ces forums et poursuivre la mobilisation de partenaires pour le soutien à des projets promouvant la paix et le développement durable sur l'ensemble du continent.

Ancrer la Biennale dans la durabilité, ce sera aussi capitaliser au mieux les leçons tirées de cette première édition. Ce qui veut dire que notre répit sera de court terme.

Nous devons à présent poursuivre sur notre lancée et continuer à œuvrer pour la culture de la paix, afin d'enrichir, quotidiennement et durablement, nos vies individuelles et collectives.

Car la culture de la paix, c'est justement la raison d'être de l'UNESCO. Pour clôturer cette Biennale, je souhaite rappeler cette raison d'être, telle qu'exprimée dans l'Acte constitutif de notre Organisation : « les guerres prenant naissance dans l'esprit des hommes, c'est dans l'esprit des hommes que doivent être élevées les défenses de la paix. »

Je vous remercie.